

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.180103>

Recebido em 25/05/2023 | Aprovado em 25/06/2023

Dossiê: Arte, Corpo e Discurso: o Político e o Poético no Movimento dos Sentidos
Dossier: Art, Body, and Discourse: The Political and the Poetic in the Movement of the Senses
Nadia Neckel, Luciana Vinhas, Luciene Jung de Campos, Suzy Lagazzi (Organizadoras)

CORPOS-MULHERES, CORPOS-FEMININOS: RESISTÊNCIA E CONFRONTO EM MEMES WOMEN'S BODIES, FEMININE BODIES: RESISTANCE AND CONFRONTATION IN MEMES

Marcia Ione Surdi*

Dantielli Assumpção Garcia**

Resumo: Neste estudo, amparadas teoricamente na Análise de Discurso pecheutiana, pretendemos analisar processos de produção de sentidos sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos, tendo em vista a investigação sobre contragramáticas. Para tanto, selecionamos 6 memes publicados no Instagram Mona Ácida. Do Museu do Louvre, como Mona Lisa, para o ciberespaço, como Mona Ácida, há movimentos de sentidos e sentidos em movimento que abrem caminho para pensarmos na relação entre discursos, corpos e memes. Nos movimentos de análise, mostramos o funcionamento de uma textualidade seriada de traço imagético; depreendemos que ao mesmo tempo em que na composição dos memes funciona uma rede de memórias que sedimenta, regula e estabiliza sentidos sobre o “mesmo”, como corpo ideal(izado), com efeitos de assujeitamento/silenciamento/interdição, também há lugar para o “novo”, aquilo que desregula, desestabiliza e agita as filiações de sentidos. Há deslizos para efeitos de resistência/confronto à interpelação da ideologia dominante patriarcal, e, assim, as contragramáticas confrontam discursos normatizadores/reguladores sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Corpos-mulheres. Corpos-femininos. Contragramáticas. Memes.

Abstract: In this study, drawing on Pecheutian Discourse Analysis, we aim to analyze the processes of meaning production regarding women's bodies and feminine bodies, with a specific focus on investigating counter-grammars. To accomplish this, we have selected six memes published on Instagram by Mona Ácida. From the Louvre Museum, like Mona Lisa, to the realm of cyberspace, like Mona Ácida, there are dynamic movements of meaning and meanings in motion that prompt us to reflect on the intricate relationship between discourses, bodies, and memes. Through our analysis, we demonstrate the functionality of serialized textuality, enriched with imagery. We posit that while the composition of memes comprises a network of memories that solidifies, regulates, and stabilizes meanings about the “same”, as an ideal(ized) body, resulting in effects of subjectification, silencing, and prohibition, it also provides space for the “new” elements that disrupt, destabilize, and challenge established

* Professora na Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Doutora em Letras - Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria. Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Email: mah.ione@gmail.com.

** Professora no curso de Graduação e de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pós-Doutora pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Email: dantielligarcia@gmail.com.

meanings. We observe instances of resistance and confrontation, that counter the interpellation of the prevailing patriarchal ideology. Thus, the counter-grammars challenge normative and regulatory discourses surrounding women's bodies and feminine bodies.

Keywords: Discourse Analysis. Women's bodies. Feminine bodies. Counter-grammars. Memes.

“COMO EU SEMPRE DIGO, QUEM FALA O QUE QUER OUVE O DEBOCHE QUE NÃO QUER”: DIZERES INICIAIS

Quem nunca ouviu, leu ou foi atacada por algum ou alguns desses dizeres: “Nossa, você engordou né?”, “Nossa, você tem celulite!”, “Não gosto de cabelo curto”, “Nossa, que feio mulher que bebe”, “Você está muito mal-humorada, precisa de um namorado”, “Nossa, você cozinha bem! Já pode casar”? Quem nunca?

Seguimos com outra pergunta: que efeitos de sentido emergem quando os corpos-mulheres, corpos-femininos são interpelados por essas manifestações? Entendemos que esses dizeres apontam para o funcionamento de gramáticas com normas que implicam o assujeitamento/silenciamento/interdição dos corpos-mulheres, corpos-femininos.

Por outro lado, quando combinados com outros dizeres e imagens, podem emergir outros sentidos, na via das contrarregras:



Figura 1: Meme “Como eu sempre digo”.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CijCNixjGFf/>. Acesso em: 2 maio 2023.

Neste estudo, amparadas teoricamente na Análise de Discurso pecheutiana, pretendemos analisar processos de produção de sentidos sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos, tendo em vista a investigação sobre contragramáticas constituídas, formuladas e que circulam na contemporaneidade, no ciberespaço¹. Para tanto, selecionamos 6 memes publicados no perfil de Instagram Mona Ácida (@monaacida). Assim, do Museu do Louvre, como Mona Lisa, para o ciberespaço, como Mona Ácida, há movimentos de sentidos e sentidos em movimento que abrem caminho para pensarmos na relação entre discursos, corpos e memes.

¹ Este texto integra pesquisa de Pós-doutorado “A(s) gramática(s) dos corpos-mulheres, corpos-femininos na contemporaneidade e no ciberespaço”, financiada pela Fundação Araucária/CNPQ (proc. n° 150011/2023-7), que visa a identificar e analisar a(s) gramática(s) dos corpos-mulheres, corpos-femininos, presentes nos discursos mêmicos, que circula(m) no ciberespaço, na contemporaneidade.

A questão que buscamos responder, a partir da teoria materialista do discurso é: como em seus modos de funcionamento as contragramáticas confrontam discursos normatizadores/reguladores sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos, na tensão entre memória e atualidade?

Diante dessa questão, organizamos este texto em três momentos. No primeiro momento, “No jogo entre a repetição, a regularização e o deslocamento: a artemêmica”, apresentamos as materialidades significantes, os memes, que possibilitam a análise do funcionamento da ideologia e o batimento entre a memória e a atualidade nos processos de produção de sentidos sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos no ciberespaço. Para o segundo momento, “No deslize dos sentidos: resistir e confrontar”, abordamos a tensão entre o “mesmo” e o “novo”, sobre o que se diz, o que não se diz, como se diz e como não se diz sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos. De um lado, temos o funcionamento das gramáticas dos corpos-mulheres, corpos-femininos, com normas que implicam o assujeitamento/silenciamento/interdição desses corpos, e, de outro, as contragramáticas dos corpos-mulheres, corpos-femininos constituídas de formulações filiadas a uma rede de memórias que desregula, desestabiliza e promove agitações nas filiações de sentidos. No terceiro momento, “‘Quem pediu sua opinião’: para romper o círculo da repetição”, alinhavamos algumas considerações sobre a resistência e o confronto aos discursos normatizadores/reguladores sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos, na tensão entre memória e atualidade.

NO JOGO ENTRE A REPETIÇÃO, A REGULARIZAÇÃO E O DESLOCAMENTO: A ARTEMÊMICA

Para o desenvolvimento deste trabalho percorremos um longo caminho pelo *feed* do Instagram Mona Ácida. Longo porque são mais de 5 mil memes publicados, conforme figura 2, para do arquivo delimitar um *corpus* composto por 6 memes.



Figura 2: Mona Ácida.

Fonte: <https://www.instagram.com/monaacida/>. Acesso em: 2 maio 2023.

Nesse caminho, o analista encontra, nas materialidades significantes, as pistas dos gestos de interpretação que são tecidos na historicidade e “[...] observa os efeitos da língua na ideologia e a materialização desta na língua”. (Orlandi, 2005, p. 68).

Na tentativa de extrapolar os traços linguísticos e imagéticos para chegar ao processo discursivo, selecionamos memes que possibilitam a análise do funcionamento da ideologia e o batimento entre a memória e a atualidade nos processos de produção de sentidos sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos no ciberespaço.

A partir disso, num “gesto de curadoria”, organizamos o *corpus* no formato de uma possível galeria de artemêmica. Compreendemos que o gesto de curadoria “não busca encerrar nem conter o arquivo”, mas é “um processo contínuo de interconexões tensas, com rumos vagos, que orientam a construção e a aproximação” das materialidades significantes “num ambiente de questionamentos e imprecisões” (Mittmann; Campos, 2023, p. 8). Quanto à galeria de artemêmica, em especial o significante artemêmica, compomos essa palavra na tentativa de expressar a relação arte + meme. A arte, entendida como “presença-ausência que se ‘coloca em jogo’, ponto de tensão dos diferentes funcionamentos discursivos” (Neckel, 2023, p. 21). E o meme, entendido como forma material do discurso digital (Dias, 2019), como historicidade significativa e significada, como parte da relação mais complexa não coincidente entre memória/discurso/texto, e como unidade de análise (Orlandi, 2001). Em nossa leitura, a junção arte + meme = galeria artemêmica configura-se como um “excelente observatório do funcionamento do simbólico” (p. 12), da ideologia e dos sujeitos. Segue na próxima página nossa galeria artemêmica, aberta à interpretação.

Iniciamos o gesto de leitura observando as regularidades que estão aí constituídas nas materialidades significantes, os memes, tendo em vista que o que se repete não é aleatório, porque a repetição é da ordem da memória.

Neste estudo, compreendemos os memes como forma material do discurso digital e como objeto de análise promissor para a compreensão da leitura em série, que se naturaliza no nosso cotidiano pelas tecnologias digitais, leitura em *smarthphones* por meio de aplicativos e que está ligada à “cultura das séries” (Dias, 2019).

Os memes (figuras 3 a 8) são releituras da obra *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci. Da perspectiva de Dias (2020a), são textualidades seriadas e se definem pela repetição de um elemento que forma série, por meio do qual se dá unidade e estabilidade à circulação.

Na textualização do sentido em série há um jogo entre a repetição, a regularização e o deslocamento (Dias, 2020a), e é sobre isso que vamos tratar num primeiro movimento de análise. Ao analisar os memes que compõem a galeria, entendemos que há uma série de elementos que marcam a repetição e a regularização das materialidades significantes, ou seja, “a textualidade seriada se constrói, por um lado, por um traço comum repetível, estável, facilmente reconhecido no interior de uma formação discursiva, que tende a manter a série pela conservação do conjunto do contexto” (Dias, 2020b, p. 123). Nesse sentido, nas figuras de 3 a 8, temos uma textualidade seriada de traço imagético (Dias, 2020b), em que há uma imagem predominante repetível, a *Mona Lisa*, ao mesmo tempo em que “derivas vão se produzindo e expandindo essa textualidade seriada” (Dias, 2021): na figura 3, a *Mona Lisa* segura uma fatia de pizza; na figura 4, temos uma “*Mona Frida*”; na figura 5, a *Mona Lisa* está de cabelo curto e segura um coco; na figura 6, a *Mona Lisa* segura um copo de chopp e tem um “bigode” de chopp no rosto; na figura 7, a *Mona Lisa* está de óculos, cabelos ao vento, ombros descobertos e o plano de fundo é uma praia; e na figura 9, a *Mona Lisa* está numa cozinha, em frente a um fogão, segurando uma concha, seu cabelo é ondulado e veste um casaco vermelho.

Em nossa leitura, também há “derivação para outras textualidades” (Dias, 2021) que estão na parte superior dos memes: “Nossa, você engordou né?”, “Nossa, você tem celulite!”, “Não gosto de cabelo curto”, “Nossa, que feio mulher que bebe”, “Você está muito mal-humorada, precisa de um namorado”, “Nossa, você cozinha bem! Já pode casar”.



Figura 3: Meme “Engordou”.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CkUDUNeOi6F/>

Acesso em: 2 maio 2023



Figura 4: Meme “Celulite”.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CqWmSqwsArw/>

Acesso em: 2 maio 2023



Figura 5: “Cabelo”

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CmPyKoiLMH/>

Acesso em: 2 maio 2023.



Figura 6: Meme “Mulher que bebe”

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CpoHvE0jJZu/>

Acesso em: 2 maio 2023.



Figura 7: Meme “Namorado”

Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cozm6m8LcmZ/>

Acesso em: 2 maio 2023.



Figura 8: Meme “Casar”

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CoLee9fsUFB/>

Acesso em: 2 maio 2023.

Conforme nos ensina Dias (2021), essas derivas vão se produzindo e expandindo a textualidade seriada. Mas também entendemos que há uma estabilidade no formato e no tema desses dizeres, a composição se dá por um enunciado, na parte superior, que interroga ou afirma sobre o belo, o aceitável e o respeitável em relação aos corpos-mulheres, corpos-femininos, e uma possível resposta ácida que desliza para efeitos de resistência/confronto, na parte inferior, e esses elementos vão sustentando os dizeres no âmbito da série.

NO DESLIZE DOS SENTIDOS: RESISTIR E CONFRONTAR

No primeiro movimento de análise, mostramos o funcionamento de uma textualidade seriada de traço imagético. Mesmo com as modificações apontadas, seja no imagético, seja no verbal, por uma relação de memória, sabemos que os memes são uma deriva da obra Mona Lisa, pois tem algo de “mesmo” nesse “novo” e, também, há uma tensão entre o “mesmo” e o “novo”, e é sobre isso que trataremos num segundo movimento de análise, o traço discurso (DIAS, 2020b). Assim, saímos do texto para o discurso.

De acordo com Almeida, Garcia e Sousa (2018, p. 135),

Esta tensão entre o “mesmo” e o “novo” é a força motora do movimento da língua, do discurso e da memória discursiva. Uma das formas de pensar o discurso é como língua em curso, movimento inacabado, contingente e polêmico, tal como a Memória Discursiva. Para seu funcionamento é imprescindível um movimento de apagamentos, silenciamentos, atualizações, substituições e desestabilizações.

Nesse sentido, podemos dizer que há um batimento entre uma memória e uma atualidade, a tensão entre o “mesmo” e o “novo” sobre o que se diz, o que não se diz, como se diz e como não se diz sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos.

Conforme Pêcheux (1999, p. 52),

A memória discursiva seria aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

O autor também explica que a memória discursiva “[...] é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (PÊCHEUX, 1999, p. 56). Assim, ao mesmo passo em que a memória discursiva é regularizada, ela pode ser desregulada por um acontecimento. Quando um evento discursivo irrompe na memória pela via de novos sentidos que fragmentam uma memória sedimentada por acontecimentos anteriores, há o ponto de encontro entre memória e atualidade.

Na tentativa de compreender como, em seus modos de funcionamento, as contragramáticas confrontam discursos normatizadores/reguladores sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos, na tensão entre memória e atualidade, passamos ao segundo movimento de análise.

Vamos olhar para a galeria de “artemêmica” e tomar os enunciados que estão na parte superior de cada meme:

“Nossa, você engordou né?” (figura 3)

“Nossa, você tem celulite!” (figura 4)

“Não gosto de cabelo curto” (figura 5)

“Nossa, que feio mulher que bebe” (figura 6)

“Você está muito mal-humorada, precisa de um namorado” (figura 7)

“Nossa, você cozinha bem! Já pode casar” (figura 8)

Nesses enunciados, observamos como a ideologia funciona para constituir discursividades sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos, há uma interpelação ideológica do sujeito-mulher-feminino que reforça padrões relacionados ao belo, ao aceitável e ao respeitável. Esse funcionamento constitui o que compreendemos como gramáticas dos corpos-mulheres, corpos-femininos. É uma gramática com normas que implicam o assujeitamento/silenciamento/interdição dos corpos-mulheres, corpos-femininos, a partir de dizeres que podem deslizar para efeitos de depreciação/desqualificação/violência.

“E que corpo é esse, Mona (...)?!” Compreendemos o corpo como “[...] dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas condições de produção, sua historicidade e a cultura que o constitui”. (FERREIRA, 2013, p. 105). Para a autora, é “possível conceber o corpo como um lugar de simbolização, um lugar falado pelas palavras, pela língua. Portanto, podemos considerar que essa fala produzida com o corpo acaba por nele se inscrever, afetando-o” (FERREIRA, 2013, p. 100). Assim como é possível depreender que o corpo “[...] já vem sendo significado, antes mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado” (ORLANDI, 2012, p. 92), pois “[...] o corpo não escapa à determinação histórica, nem à interpelação ideológica do sujeito” (ORLANDI, 2012, p. 95).

Conforme já sinalizamos em outros textos, entendemos que há gramáticas dos corpos-mulheres, corpos-femininos na contemporaneidade análoga(s) à gramática normativa de uma língua, com suas regras, privilegiando uma “norma padrão”. Assim, o que foge/desvia da norma também é visto como erro, igualmente ao que acontece na gramática normativa da língua.

O que constitui as gramáticas com normas que implicam o assujeitamento/silenciamento/interdição dos corpos-mulheres, corpos-femininos são formulações filiadas a uma rede de memórias que regula, estabiliza os sentidos, não promove agitações e “[...] traz à tona aquilo que já foi dito e está na memória, e que tenta fazer com que um acontecimento atual seja significado segundo aquilo que já foi-dito” (Almeida; Garcia; Sousa, 2018, p. 134). Compreendemos que é o “mesmo”, o repetível que vincula o acontecimento a um efeito parafrástico que representa o retorno aos mesmos espaços do dizer em que se produzem diferentes formulações do dizer sedimentado, ou seja, se produz a variedade do “mesmo”.

Nesse viés,

[...] ao manifestar-se o sujeito só se constitui como tal porque seu dizer se inscreve de alguma forma na ordem da repetibilidade, afetado pela ideologia e sob a égide de uma determinada FD, onde o já-dito aparece reformulado e estabelece relações de paráfrase no interior do discurso que o sujeito produz. É pela constante recorrência a referentes reconhecíveis que o sujeito, com o seu dizer, pode contribuir com a cristalização do sentido [...] (Petri, 2004, p. 211).

Dessa forma, a repetibilidade, o já-dito são da ordem do interdiscurso porque sua elaboração é possível somente depois de analisar os enunciados como integrantes de domínios de memória, de atualidade e de antecipação. É nesse sentido que o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada, ou seja, para que as palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. (ORLANDI, 2005).

A gramática do corpo é uma construção social e pode variar de acordo com diferentes contextos, culturas e períodos históricos. Ela procura normatizar sentidos sobre a maneira como os sujeitos percebem e interpretam o corpo, afetando as ideias de beleza, saúde, gênero, sexualidade e habilidades físicas. Nessa perspectiva, compreendemos que, nos enunciados analisados, há saberes filiados a uma formação discursiva gramatical normatizadora/reguladora sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos, engendrada por uma ideologia dominante patriarcal, que tentamos representar na figura a seguir:

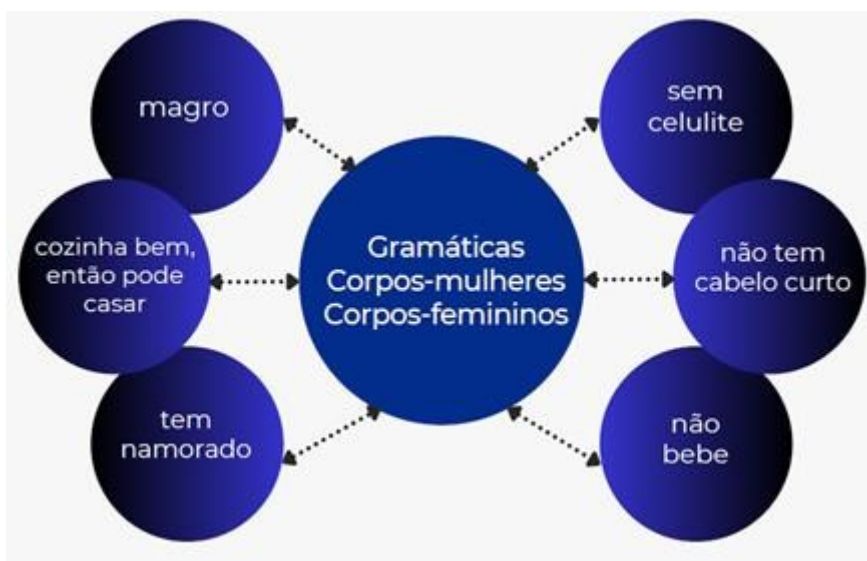


Figura 9: Gramáticas

Fonte: As autoras (2023)

Ao mesmo tempo em que na composição dos memes funciona uma rede de memórias que sedimenta, regula e estabiliza sentidos sobre o “mesmo”, como corpo ideal(izado) que é magro, sem celulite, não tem cabelo curto, não bebe, tem namorado e cozinha bem, então pode casar, também há lugar para o “novo”, aquilo que desregula, desestabiliza e agita as filiações de sentidos. O “novo” é “[...] a possibilidade aberta pela contingência histórica que permite que novos sentidos possam se estabelecer e se vincular

ao acontecimento discursivo, rompendo com uma memória discursiva específica e dominante” (Almeida; Garcia; Sousa, 2018, p. 134).

Compreendemos que o rompimento com uma memória discursiva específica e dominante se dá por meio dos enunciados apresentados no formato de possível resposta ácida que desliza para efeitos de resistência/confronto, na parte inferior dos memes. É nessa esteira, que, em seus modos de funcionamento, as contragramáticas confrontam discursos normatizadores/reguladores sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos. E isso é possível, pois “Nenhum acontecimento pode estar completamente debaixo do mesmo, pois o próprio funcionamento do discurso faz deslizar novos sentidos para o interior do acontecimento, através das fissuras e incompletude constituintes da própria língua” (Almeida; Garcia; Sousa, 2018, p. 135).

Através das fissuras e incompletude constituintes da própria língua, o “novo” comparece nos memes como resistência/confronto. Ao tratar da resistência que se dá no discurso, Pêcheux (1995, p.304) formula dois primados básicos: “não há dominação sem resistência, primado prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’”; e “ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja, primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, é preciso ‘ousar pensar por si mesmo’”. Sobre essa questão, Ferreira (2018) explica que a resistência se dá no interior mesmo da história, na luta de classes, e no interior do sujeito, o inconsciente, e dessa forma, a resistência irrompe, torna-se visível, faz presença pela falha constitutiva no interior da língua, da história e do próprio sujeito.

De acordo com Sobrinho (2014, p. 46), “É preciso insistir, pois não basta apenas resistir; é preciso ousar se revoltar e intervir nos universos logicamente estabilizados e não estabilizados [...], acrescentamos que é preciso confrontar. A resistência está estampada nas formulações e o confronto se instaura quando as materialidades significantes circulam no ciberespaço, que hoje, conforme Dias (2012), está por toda parte, e tece novas formas de relação entre os sujeitos, identidade, subjetividade e temporalidade outra, construindo, assim, o espaço-tempo virtual.

Diante do exposto, organizamos o quadro, a seguir, para apresentar os enunciados que compõem os memes, na relação “afirmação” “resistência/confronto”:



Figura 10: Resistir e confrontar

Fonte: As autoras (2023)

Na relação “afirmação” “resistência/confronto”, podemos dizer que o “novo” emerge e confronta sentidos administrados ideologicamente sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos, pois “[...] todo enunciado é constituído por pontos de deriva, podendo deslizar para um outro, diferente de si mesmo, produzindo assim diferentes sentidos para diferentes sujeitos e situações, já que não há linguagem que não se confronte com o político” (Orlandi, 2007, p. 295). Nos pontos de deriva, “[...] algo do repetível sempre escapa, e uma novidade sempre desliza para o interior do discurso que cerca o acontecimento, em maior ou menor medida de atualização” (Almeida; Garcia; Sousa, 2018, p. 135-136). O deslize, na ordem do efeito polissêmico, desloca e rompe com os processos de significação (Orlandi, 2005), pois o previsível seria um possível gesto de silenciamento diante de enunciados, como “Nossa, você engordou né?” ou “Nossa, que feio mulher que bebe”.

Assim, compreendemos que o deslize rompe com os efeitos de assujeitamento/silenciamento/interdição dos corpos-mulheres, corpos-femininos por meio do engendramento de enunciados que deslizam para efeitos de resistência/confronto à interpelação da ideologia dominante patriarcal. Nesses movimentos, em seus modos de funcionamento, as contragramáticas confrontam discursos normatizadores/reguladores sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos:



Figura 11: Contragramáticas

Fonte: As autoras (2023)

Esse funcionamento constitui o que compreendemos como contragramáticas dos corpos-mulheres, corpos-femininos, constituídas de formulações filiadas a uma rede de memórias que desregula, desestabiliza e promove agitações nas filiações de sentido. Segundo Pêcheux (1990, p. 17), “não entender ou entender errado; não ‘escutar’ as ordens; não repetir as litânias [...] falar quando se exige silêncio [...] mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases”, corroboramos com Pêcheux, acrescentado o gesto de responder de forma ácida, “e assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido” (1990, p. 17).

Sobre essa resistência, Venturini explica que

[...] pelo viés discursivo, se entrelaçam o corpo e a memória, concorrendo para a escrita do discurso de resistência, sinalizando para a tomada de posição e para a inscrição do sujeito em formações discursivas, que dão visibilidade às suas filiações e sinalizam, para as redes de memórias, que essas filiações convocam e fazem trabalhar no discurso (Venturini, 2016, p. 66).

Assim, entendemos que as formulações com efeitos de resistência/confronto filiam-se a uma formação discursiva contragramatical não-normatizadora/reguladora que confronta discursos normatizadores/reguladores sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos. Em nossa leitura, não só os enunciados, mas as contragramáticas também marcam uma forma de resistência. Essa resistência é da ordem do político, pois “O político compreendido discursivamente significa que o sentido é sempre dividido, sendo que esta divisão tem uma direção que não é indiferente às injunções das relações de força que derivam da forma da sociedade na história” (Orlandi, 1998, p. 74). Nesse sentido, as contragramáticas resistem e confrontam as normas e expectativas convencionais/tradicionais em relação aos corpos-mulheres, corpos femininos, questiona e se contraidentifica à formação discursiva normatizadora/reguladora sobre o que é considerado belo, aceitável e respeitável em relação a esses corpos.

“QUEM PEDIU SUA OPINIÃO”: PARA ROMPER O CÍRCULO DA REPETIÇÃO

Na busca de um possível fechamento, retomamos a questão que orientou a escrita deste texto: como em seus modos de funcionamento as contragramáticas confrontam discursos normatizadores/reguladores sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos, na tensão entre memória e atualidade?

Podemos dizer que, ao mesmo tempo em que na composição das materialidades significantes, os memes, funciona uma rede de memórias que sedimenta, regula e estabiliza sentidos sobre o “mesmo”, como corpo ideal(izado), com efeitos de assujeitamento/silenciamento/interdição, também há lugar para o “novo”, aquilo que desregula, desestabiliza e agita as filiações de sentidos.



Figura 12: Meme “Quem pediu sua opinião”

Fonte: https://www.instagram.com/p/Cm_3NU2LWxi/. Acesso em: 2 maio 2023.

Afirmações nada despretensiosas: “Nossa, você engordou né?”, “Nossa, você tem celulite!”, quanto “nossa”, quanto espanto reverberando sobre os corpos-mulheres, corpos femininos? O círculo da repetição ressoa, a manutenção do ritual persiste e ainda assujeita/silencia/interdita os corpos-mulheres, corpos-femininos. Mas como nos ensina Pêcheux (1990, p. 17), “não há ritual sem falha, desmaio ou rachadura”, por isso:

Eis uma falha no ritual: “Quem pediu sua opinião”, uma formulação ácida, uma tentativa de romper o círculo da repetição, porque, historicamente, aos corpos-mulheres, corpos-femininos são outorgados os espaços que podem ser acessados, os lugares que podem ser ocupados e os estatutos que devem ser seguidos. Assim, compreendemos que há movimentos de sentidos e sentidos em movimento no batimento entre memória e atualidade, na tensão entre “mesmo” e “novo”, há tentativas de romper o círculo da repetição. “Meu corpo, minhas regras”: por meio da contraidentificação à formação discursiva normatizadora/reguladora, que é engendrada por uma ideologia dominante patriarcal, as contragramáticas confrontam discursos normatizadores/reguladores sobre os corpos-mulheres, corpos-femininos, na tensão entre memória e atualidade.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João Flávio; GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. Poesia e memória discursiva na Grécia Antiga. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 7, n. 1, p.132 –147, jan./abril 2018. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/570>. Acesso em: 5 maio. 2023.

DIAS, C. *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede (de sentidos)*. São Paulo: Hucitec Editora, 2012.

DIAS, Cristiane. Considerações sobre o texto pelo digital. In: PFEIFFER, C.; DIAS, J. P.;

DIAS, Cristiane. Ensino e tecnologia: o texto pelo digital. *Revista ECOS, [S. l.]*, v. 28, n. 1, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/4390>. Acesso em: 07 maio. 2023.

DIAS, Cristiane. Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes. *RASAL Lingüística*, Buenos Aires, Argentina, n. 2, p. 55–74, 2019. Disponível em: <https://rasal.sael.org.ar/index.php/rasal/article/view/82>. Acesso em: 07 maio. 2023.

DIAS, Cristiane. *Textualidades Seriadas: o texto pelo digital*. YouTube, 23 ago. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/live/III_kdVUWTI?feature=share. Acesso em: 13 maio. 2023.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O Corpo como materialidade discursiva. *REDISCO*, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2697/2242>. Acesso em: 10 maio. 2023.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Os desafios de um analista de discurso: um processo sem início nem fim. *Linguagem & Ensino* (UCPel), v. 21, p. 88-97, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15167>. Acesso em: 23 maio. 2023.

MITTMANN, Solange; CAMPOS, Luciene Jung. Gêneros e corpos em debate nas artes: apresentação de uma curadoria de textos. In: MITTMANN, Solange; CAMPOS, Luciene Jung (Orgs.). *Gêneros e corpos em debate nas artes: estudos discursivos*. Porto Alegre: Zouk, 2023.315 p.; PDF. Disponível em: <https://www.editorazouk.com.br/pd-947fc0--e-book-generos-e-corpos-em-debate-nas-artes-estudos-discursivos.html>. Acesso em: 10 maio 2023.

NECKEL, Nádia. Projeções sensíveis: imagens do feminino. In: MITTMANN, Solange; CAMPOS, Luciene Jung (Orgs.). *Gêneros e corpos em debate nas artes: estudos discursivos*. Porto Alegre: Zouk, 2023.315 p.; PDF. Disponível em: <https://www.editorazouk.com.br/pd-947fc0--e-book-generos-e-corpos-em-debate-nas-artes-estudos-discursivos.html>. Acesso em: 10 maio 2023.

SURDI, Marcia Ione; GARCIA, Dantielli Assumpção. Corpos-mulheres, corpos-femininos: resistência e confronto em memes. *Crítica Cultural*, Palhoça, SC, v. 18, n. 1, p. 41-53, jan./jun. 2023.

- NOGUEIRA, L. (Orgs). *Língua, Ensino, Tecnologia*. 1. ed.– Campinas, SP: Pontes Editores, 2020b.
Disponível em:
https://labeurb.unicamp.br/site/web/img/1606237444865_Lingua_Ensino_Tecnologia_20_11.pdf. Acesso em: 07 maio. 2023.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2005.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e argumentação: um observatório do político. *Fórum Lingüístico*, Fpolis, n. 1 (73-81), jul.-dez. 1998. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/download/6915/6378/20890>. Acesso em: 10 maio 2023.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação de sentido*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Educação em direitos humanos: um discurso. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy (et al). *Educação em Direitos Humanos: Fundamentos teórico-metodológicos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 295 – 311. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ncdh/wp-content/uploads/2014/07/merged.compressed.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Processos de significação, corpo e sujeito. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012. p. 83-96.
- PÊCHEUX, Michel. *Delimitações, inversões, deslocamentos*. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, nº 19, p. 7-24, jul./dez., 1990.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. O. (Ed.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-58.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- PETRI, Verli. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos*, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em *Porteira Fechada*, de Cyro Martins. 2004. 322 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. O analista de discurso e a práxis sócio-histórica: um gesto de interpretação materialista e dialético. *Revista Conexão Letras, [S. l.]*, v. 9, n. 12, 2015. DOI: 10.22456/2594-8962.55120. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55120>. Acesso em: 10 maio. 2023.
- VENTURINI, M. C. Texto/discurso no/pelo corpo como espaço de resistência, de protesto e de reivindicação (Text/discourse in/by the body as resistance, protest and claim space). *Estudos da Língua(gem), [S. l.]*, v. 14, n. 2, p. 55-76, 2016. DOI: 10.22481/el.v14i2.1314. Disponível em:
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1314>. Acesso em: 13 maio. 2023.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.